

A VIDA-TRAVESSIA DE MULHERES ASSENTADAS RURAIS

Marisa de Fátima Lomba de Farias¹

Resumo: Este artigo é resultado de reflexões elaboradas ao longo de pesquisas desenvolvidas em assentamentos rurais no estado de Mato Grosso do Sul. Trata-se de um processo dialético captado por meio de entrevistas, observações e de formulários, especialmente voltados às mulheres, consideradas, protagonistas importantes. Procuramos demonstrar como essas mulheres constroem e reconstróem estratégias de resistências e de fortalecimento de suas identidades através do trabalho de rememoração. A opção teórico-metodológica se estruturou em uma concepção qualitativa (observação participante, entrevistas semiestruturadas gravadas e aplicação de formulários com questões objetivas e subjetivas) e permitiu reconhecer o permanente movimento da vida-travessia dessas mulheres em seus lugares sociais, negando uma visão linear e uniformizadora. Observamos, ainda, que as mulheres dos assentamentos criam estratégias e representações relevantes *de ser e estar no mundo*, geradoras de alterações nas relações de gênero e fundamentais para a permanência na terra.

Palavras-chave: Gênero; Identidade; Memória.

Abstract: *This article describes the reflections and experiences of recent research carried out in rural settlements in Mato Grosso do Sul State. Interviews were conducted through the dialectical process, also including observations and forms fulfillment, specifically designed for women, because they play a very important role in the community. Our work has endeavored to elucidate how these women build and rebuild strategies of resistance and strengthen their own identities through memory work. Theoretical/methodological concepts defined the structure of a qualitative design (participant observation, semi-structured interviews that were recorded, and*

¹Doutora em Sociologia – Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente cursa Pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, na Linha de Estudos de Gênero, sob a orientação da Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

written application forms comprising both objective and subjective questions), which allowed to recognize the ongoing struggle of these women to bring about gender justice as to their social positions, refusing a linear and unifying view. Moreover, it was observed that women in the settlements develop strategies and identify relevant depiction of a way of being in the world, generating changes in gender relationships and essential to stay on the land.

Keywords: *Gender; Identity; Memory.*

Introdução: prelúdio da travessia

Durante a trajetória de pesquisa, que ocorre desde os anos de 1990², muitas mulheres surgem como protagonistas nos processos de *luta por terra* e *luta na terra*, e demonstram, através da memória, a maneira como constroem e reconstróem estratégias cotidianas de resistências e de fortalecimento de suas identidades. Para esta trajetória de pesquisa qualitativa³, foram utilizadas prioritariamente três técnicas: a observação participante que propiciou o contato direto e a realização de conversas informais, aplicação de formulário com questões objetivas e subjetivas e entrevistas semiestruturadas gravadas. A permanência nos assentamentos permitiu o acompanhamento de atividades, reuniões, comemorações, além de conviver nas casas de algumas famílias que recebiam a equipe para refeições e pernoites.

²As reflexões apresentadas neste momento são resultado de uma trajetória de pesquisa individual, iniciada durante o mestrado, e coletiva por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisa concluídos e em andamento que envolvem/envolveram diversos/as pesquisadores/as. Os projetos recebem apoio financeiro da FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). As pesquisas são desenvolvidas em Mato Grosso do Sul, e delas participo como coordenadora ou como pesquisadora colaboradora. Atualmente encontra-se em andamento: Mulheres: Relações de Gênero e de Trabalho nos Assentamentos de Reforma Agrária Guaçu e Santa Rosa no Município de Itaquiraí-MS (UFGD/CNPq), além de ações de extensão que ocorrem concomitantemente através da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UFGD.

³É importante ressaltar que há uma cumplicidade entre as pessoas envolvidas na pesquisa, tanto as "pesquisadas" quanto a "pesquisadora", portanto, há um aceite livre – parecer favorável – das mulheres partícipes do processo, cujo registro consta em fitas gravadas e arquivadas no Laboratório de Estudos de Fronteiras (LEF) da UFGD e disponíveis.

Este processo de construção/reconstrução de estratégias está estruturado em dois âmbitos: um, amplo, relativo às necessidades coletivas de famílias e de grupos diversos nos assentamentos, e outro, mais restrito – sem deixar de ser dinâmico –, no qual as mulheres criam mecanismos de reflexão sobre si mesmas. Neste momento, será privilegiado o vivido das mulheres, com ênfase sobre as suas histórias, modos e sentidos para o viver. As mulheres (re)estruturam suas necessidades, seus sonhos e desejos expressos por meio de um modo de vida e seus corpos são ponto de partida e de chegada nesta vida-travessia, por isso, marcado pela incompletude por experiências e subjetividades (ROSA, 2001)⁴.

Para pensar a vida-travessia, são utilizadas certas noções de Guimarães Rosa, ao estudar as veredas da vida no sertão. Como diz o autor: "O sertão está em toda parte" (ROSA, 2001, p. 24) e acrescenta: "[...] o sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar." (ROSA, 2001, p. 41). Os lugares permanecem, neste caso, os assentamentos rurais, mas as pessoas – mulheres – vão e vem, se transformam, aprendem, vivem experiências e saberes coletivos, erram e acertam, abrem veredas.

Os esforços para a sobrevivência estão em todos os tempos e os lugares; a criação de estratégias para tornar a "vida menos difícil de ser vivida" faz parte de um modo de vida de variados grupos sociais, compondo, desse modo, uma travessia, com constantes tentativas de, nela, se fazerem pessoas caminhando por suas trajetórias, sem, no entanto, vislumbrarem certas dificuldades do trajeto, mas superando ou ao menos tentando ao com elas se depararem.

Diante desse cenário, podemos afirmar que as travessias são inúmeras, são desconhecidas, mas nelas, não se perdem, necessariamente, os objetivos. Eles passam por alterações e também por permanências, são reelaborados e/ou fortalecidos, dependendo das adversidades da vida-travessia.

A travessia significa, portanto, o viver sem determinação de sentidos, significados ou resultados, é formada por tentativas que se dispõem nos caminhos, os quais não se findam, se refazem sempre no cotidiano inusitado, fácil, difícil, alegre, triste, dinâmico e monótono. Quem sabe onde o caminho levará a/o caminhante? Ninguém sabe, "[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia." (ROSA, 2001, p. 80)

Assim sendo, podemos considerar que a travessia traduz as estratégias de sobrevivência das mulheres nos assentamentos rurais, demonstra a vida em

⁴Inspiro-me em ROSA (2001) para pensar sobre esse tema.

variadas dimensões, como um *constructo* de sentimentos, explicações, frustrações, conquistas e perdas. A travessia não se perfaz em um sentido linear, no qual se saiba o ponto de partida e de chegada, mas se trata de um percurso que se faz ao caminhar.

O corpo, nesta vida-travessia, é construção de sentidos, em certa medida ambíguo, mas também definidor de atitudes e posicionamentos; permite aflorar identidades e sexualidades em movimento e em transição, por isso se estrutura e se desestrutura entre as representações dominantes e aquelas com força para abrir brechas às possibilidades e múltiplas existências que podem romper modelos de comportamentos impostos.

As mulheres vivem a experiência de/em seu corpo de maneiras criativas, livres, mas também controladas, em um fluxo entre as possibilidades de criarem mentes e corpos novos e inusitados, no entanto, há o meio da travessia, que pode apresentar surpresas orientadas por várias formas de dominação e controle das subjetividades, bem como a presença de violência física e psicológica, esta invisibilizada.

Durante o contato com as mulheres de assentamentos, observamos muitas formas de resistência, desde as mais sutis demonstradas por meio de olhares, ou ainda, o controle da organização de festas, a feitura da alimentação, as reuniões entre mulheres para confecção de trabalhos manuais, a participação em reuniões organizadas por movimentos sociais ou outros grupos institucionais ou governamentais, dentre outros. Nesses momentos, elas se juntam, conversam, socializam experiências e saberes, isso porque, ao permanecerem juntas extrapolam os objetivos iniciais, como, por exemplo, fazer a comida. Os diálogos tomam rumos inusitados e, em várias ocasiões, trazem a intimidade para o grupo, pois as mulheres se sentem seguras entre outras mulheres com experiências comuns ou diferentes, podendo se aproximar ou demonstrar possibilidades não percebidas.

São inúmeras formas criativas para se fortalecerem diante das barreiras que as fazem permanecer no espaço da casa, o dentro, o íntimo⁵. No entanto, tais resistências ainda não foram racionalizadas o bastante para tomarem vulto no campo das transformações de modo politizado, no espaço decisório dos assentamentos e no interior das famílias. As mulheres ainda encontram dificuldades para viverem os *possíveis* de seu corpo, de sua sexualidade, enfim, a sua subjetividade e orientá-la para relações mais dinâmicas e que permitam romper os limites impostos pelo

⁵Primeiro Simpósio: Feminismo, Ação Política e Agroecologia, realizado em Recife de 12 a 14 de novembro de 2010.

próprio corpo, envolto em modelos dominantes e midiáticos.

As transformações efetivas ocorrem em uma rede ampla em foro íntimo e coletivo, quando comportamentos e concepções se alteram e podem ser, de um modo ou de outro, racionalizadas, discutidas e incorporadas, por isso, os caminhos de empoderamento das mulheres ainda são envolvidos por percalços que, pouco a pouco, são removidos, mas com dificuldades e lentidão.

Prova disso, está na não valorização do seu trabalho na terra como fundamental para a reprodução familiar, ou ainda, pela dificuldade que as mulheres encontram para o controle de seu tempo de trabalho e de lazer, isto é, do tempo disponível para si mesmas e para a experiência de sua sexualidade. Outro aspecto está no não controle da comercialização da produção e dos lucros dela advindos que, em grande parte, está a cargo dos homens.

Nesta vida-travessia, as mulheres expressam o desejo de chegar a um lugar – a terra – onde possam estruturar relações pautadas em maior igualdade entre mulheres e homens. Contudo, tal aspiração não é totalmente racionalizada e externalizada.

Nos assentamentos, a vida das mulheres é marcada por trajetórias múltiplas, como as que trouxeram em sua memória as lembranças de um passado vivido na terra, nos pequenos sítios com pais, mães e avós, algumas famílias, por exemplo, viviam no Paraguai, como Roseli destaca:

Porque lá no Paraguai era longe né? Ficava longe, daí meu pai não deixava nós irmos na aula, que ele tinha, tinha medo né? De nós irmos sozinhos de a pé, que não tinha ônibus nenhum para carregar os alunos né? Daí mesmo eu fui, daí eu, eu já formamos mocinha e com dezessete anos eu casei. (Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005)⁶

⁶As reticências são utilizadas para indicar pausas, momentos de reflexão e de emoção demonstrados pela pessoa entrevistada e os colchetes indicam supressão de trechos da entrevista. Ao realizarmos as transcrições dos depoimentos, optamos por corrigi-los parcialmente, por entendermos que, ao falarmos, não temos o mesmo cuidado que ao escrever; além do mais, um depoimento com muitos "erros" pode ser mal interpretado ou, até mesmo, incompreendido. Porém, nos preocupamos em manter as características da fala dos/as entrevistados/as, as peculiaridades do seu modo de expressão. Outro motivo para a nossa opção foi uma experiência no mestrado, quando um assentado, ao ouvir o próprio depoimento, ficou espantado com sua forma de falar, identificando os próprios erros e exclamando: "Eu falei assim!?" Baseamo-nos, também, em Whitaker *et al*, 1995, cujo artigo demonstra tais procedimentos.

No passado, as pessoas viviam de um lugar a outro e desenvolviam diversas atividades em arrendamentos, como trabalhadoras diárias, contratadas em fazendas, algumas com registros, mas a maioria sem nenhum direito assegurado.

É então, igual eu falo assim, para mim, para nós está sendo muito bom, porque quando nós morávamos no Paraguai, nós não tínhamos o que nós temos aqui agora né? [...]

Aí ele vendeu as terras que ele [o sogro] tinha, para pagar as contas que ele tinha né? Daí nós pegamos e decidimos vim para o acampamento, daí, porque para nós ficarmos arrendatário lá não dava para nós pagar, e o cara o dono era paraguaio e ele queria a terra dele né? Daí eu falei assim, "vamos embora", e para onde que nós íamos? Daí nós viemos e resolvemos vim para o acampamento. Daí nós viemos, viemos em 93, nós viemos para o acampamento, ficamos quatro ano, eu fiquei, debaixo da lona né? (Roseli, assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005)

São muitas andanças, lembranças adormecidas, saudades de lugares de infância e adolescências, cheiros, ruídos, sentimentos que retornam diante de um aceno da memória, esta fortalecedora de uma identidade ligada à terra de trabalho e envolvida por uma nostalgia da "Terra Mater" sempre acolhedora das/os filhas/os.

Porém, nem tudo é assim, muitas mulheres apresentam uma trajetória urbana, mesmo com semelhanças no processo migratório. A reivindicação por terra se transforma em alternativa para viverem melhor, fugirem do desemprego ou do emprego precário, ausente, muitas vezes, de direitos trabalhistas. Nas cidades, viviam em condições de extrema escassez, sem casa própria, sem acesso à saúde, educação, alimentação digna, como relata Roseli.

Que nem eu falei, para viver na cidade lá não adianta, se você não consegue comprar uma casa boa para, um emprego não tem. Né, não dá? Você ia sobrevivendo devagarzinho se vai indo né? Daí o povo começou a, daí veio financiamento para o povo pegar, aí pegou né? Então assim o custeio [...], para modo de planta né? Então quem quer pegar pega, quem não quer (...)
(Assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005)

Neste caso, o sonho acalentador da conquista da terra está fortalecido pelo desejo de fugir do sofrimento e ter um lugar para morar e plantar. Pensar como "cuidar" desta terra é uma consequência de estar nela, tê-la conquistado e

necessariamente aprender com ela, ouvi-la, senti-la, vivê-la, sendo um aprendizado a ser construído por essas famílias.

Com tais considerações, queremos salientar a diversidade de trajetórias de vida, de saberes, vivências e experiências que as mulheres trazem para os assentamentos rurais, por isso esses são ímpares e únicos como lugares para a reprodução familiar. São lugares de pesquisa por engendram a diversidade em diversos âmbitos: sociais, culturais, políticos, de gênero.

Enfim, os assentamentos rurais são tempo-espço de vida, de trabalho, de sofrimento e de sonhos, não são temporalidades idílicas. No entanto, são marcados por lembranças de lugares incomuns, experiências diversas, sonhos que se comungam, sofrimentos fortalecedores da valorização dessa terra, nem sempre de fartura, mas prene de *possíveis*.

A terra também ensina e mostra suas necessidades, como deve ser lavrada e arada, não com palavras, mas com os seus resultados, com colheitas ou produção de leite. Estas, às vezes, fartas e, em outras, escassas de produtos mesmo diante de intenso e contínuo trabalho familiar. Elas demonstram os resultados de um trabalho orientado para o consumo e a vida, mesmo que a produção não permita lucros – também necessários para a compra daquilo que dela não se conquista. Assim, a colheita e a produção garantem o alimento de subsistência, além da moradia e da água.

O trabalho na terra ratifica e legitima a sua conquista e ocupação, uma terra antes apropriada indevidamente pelo capital, regada a sangue e exploração, ocupada por gado, por pasto, por soja, enfim, não estava direcionada à subsistência e reprodução familiar. Hoje a terra está regada por vida de gerações em movimento e em transformação.

É muito pouco? Diante das entrevistas realizadas com as mulheres, é muito mais do que tinham no passado, segundo elas: "a vida mudou muito, 100%, está muito melhor, nem se compara com o período anterior". Outrossim, as mulheres e suas famílias buscam cotidianamente fazer esta terra germinar, pensam no aumento da produção, investem saberes em linhas de produção diversificada, dialogam com instituições de apoio, e em nenhum caso, encontramos pessoas com o desejo de enriquecer, mas sim de conquistar melhores condições de permanência na terra, que é de trabalho e de realização familiar, por permitir a sua reprodução.

Por outro lado, pessoas sem perspectivas de permanência na terra também vivem nessa travessia. Algumas não produzem o necessário para suprirem as necessidades básicas da família, outras, transformam o assentamento em lugar

de reprodução familiar apenas, de modo que a produção e a renda advêm de atividades urbanas, de trabalho diário remunerado em sítios de vizinhos ou em fazendas próximas aos assentamentos, sem falar do trabalho na cana que, gradativamente, absorve mão-de-obra masculina desses lugares. Vale ressaltar que todas essas caracterizações são muito dinâmicas, como pudemos presenciar na "volta" de um senhor para o trabalho em seu sítio. Expliquemos melhor.

No assentamento Guaçu, no qual desenvolvemos pesquisa e atividades de extensão, convivemos com uma família, ou melhor, a princípio apenas com a mulher. Ela participava de todas as reuniões e, em certo dia, relatou que seu marido trabalhava na cana e descreveu a exaustão da atividade, mas fundamental porque a família sentia a necessidade de contar com um valor específico ao final do mês, segundo ela: "certo e fixo".

Durante as reuniões, ela participava e levava as informações ao marido, como pudemos observar. Com o tempo sua presença nas reuniões se manteve constante e passou a indicar caminhos junto ao grupo. Após alguns meses de organização, de definição da atividade produtiva, o marido passou a participar do grupo, deixou o trabalho na cana e atualmente produz maracujá em grupo com outra família, as quais se tratam como "compadres". As mulheres dessas duas famílias também produzem coletivamente, estruturaram uma horta orgânica e, em última visita ao assentamento no mês de setembro (2010), elas estavam muito satisfeitas e já iniciavam uma produção significativa, inclusive com uma quantidade razoável de cebolinha que já tinha destino certo no comércio da cidade de Itaquiraí.

Portanto, presenciamos inúmeras experiências dinâmicas, em alguns momentos os casos de rupturas de formas de dominação e exclusão, em outros a desilusão pela permanência em condições de estagnação tanto na produção agropecuária quanto no projeto familiar. Por isso, é fundamental considerarmos as especificidades dos arranjos familiares e políticos dos assentamentos, bem como a visão de mundo e a relação que as pessoas constroem com o lugar no qual vivem.

Neste assentamento citado, o Guaçu, como também no Santa Rosa, constatamos as relações de compadrio – aqui definidas a partir de batismos – orientando as relações entre famílias, em que muitas crianças chamam pessoas de padrinhos e madrinhas, porém também há mulheres na faixa de 30 anos utilizando este tipo de tratamento. Isso porque chegaram neste lugar ainda bem jovens e foram batizadas no contexto da luta pela terra. Esta situação demonstrou uma rede familiar, com padrinhos e madrinhas que se repetem entre as famílias.

Enfim, em meio à permanência e rupturas de valores e modos de vida

tradicionais, as mulheres seguem fortalecidas por suas memórias entre as veredas da vida-travessia.

Enovelamento de emoções, angústias e sonhos...

No trabalho da memória, emergem experiências fundamentais para se fazerem mulheres, colocando-as como principais responsáveis pela procura de novas relações de gênero – peculiaridade evidenciada quando esperam dividir o trabalho agropecuário e o da casa, sem sobreposição de tarefas ou desvalorização de um espaço ou de outro, por exemplo. Uma senhora, ao olharmos sua horta na presença do seu companheiro, disse: "Eu tenho que cuidar da horta", rapidamente acrescentou em tom enfático "não, eu cuido da horta", e olhou para ele como se estivesse dizendo, não é minha obrigação por ser mulher.

Neste momento, a conversa se ampliou e a professora foi chamada a opinar, enfim, se instituiu um diálogo em tom de brincadeira, mas envolvido por afirmações e reafirmações de posições resistentes, tanto da mulher quanto do homem. Nos diálogos, são comuns as afirmações masculinas de que as mulheres estão participando mais, "estão mandando", não aceitam qualquer coisa, isto é, as relações estão em movimento, em grande parte, devido à postura das mulheres que, de um modo direto ou indireto, chamam a atenção para os seus desejos e necessidades.

Neste sentido, procuram viver plenamente sua condição de *ser* e *estar no mundo*, com um corpo que fala por meio do trabalho e da vivência de sua sexualidade. A memória de mulheres que passaram por uma trajetória de luta por terra e hoje são trabalhadoras rurais apresenta como característica fundamental o fortalecimento de identidade, o que as leva a continuar o processo de busca por reconhecimento, autonomia, espaços de participação política e, principalmente, possibilita a reconstrução dos mecanismos de resistências na vida-travessia.

As mulheres demonstram uma significativa capacidade criativa e inventiva diante de tantas situações inusitadas, que vão desde problemas ligados à permanência na terra, que deve "florescer e germinar frutos", até os conflitos familiares e de gênero.

Ao participarem das entrevistas e ao compartilharem experiências no cotidiano dos assentamentos, as mulheres lançaram mão da *memória individual* e *coletiva*. Através de um trabalho de rememoração, fortaleceram mecanismos de resistência à medida que puderam *recuperar o passado vivido* antes da conquista da "terra prometida". Relataram suas histórias, marcadas simultaneamente por momentos

de prazer e felicidade e também por angústias e violência, revivendo situações que em outros momentos não poderiam expressar ou não se sentiriam à vontade para isso.

Ao rememorar, as mulheres assentadas efetivaram caminhos que levaram ao questionamento da condição vivida nos acampamentos e nos assentamentos – tempos-espacos diferenciados da reforma agrária – além de lembrarem resquícios do passado com vistas ao futuro. Esse movimento foi conflitante, uma vez que aflorou o vivido passado, transformado por relações e processos de desenraizamento, de expropriação, de violência e de dificuldades para a permanência na terra conquistada. Um passado marcado por barreiras econômicas enfrentadas em outros momentos e lugares e mesmo nos lotes.

Além das entrevistas, importa destacar a importância do processo de observação participante efetivado durante o contato com as famílias, quando foi possível verificar suas características de organização e as relações conflituosas, dentre outras situações pouco citadas nas entrevistas, mas que puderam ser constatadas nos olhares, nas frases entrecortadas, naquilo que não foi dito, nas interações pessoais, durante as reuniões e os almoços, ou seja, no cotidiano dos assentamentos, com um olhar cuidadoso para as mulheres e as relações de gênero.

Nessa *construção da pesquisa*, torna-se essencial a interação entre pesquisador/a e pesquisado/a, o que evita uma relação de hierarquia ou de sobreposição diante de saberes de um/a e de outro/a. Devemos instituir uma aproximação respeitosa e de certa cumplicidade para que exista um diálogo e a troca de experiências. Como destaca Bourdieu (1999), é preciso efetivar uma relação entre teoria e prática, decorrente deste contato. Neste sentido, estabelecemos diálogos, debates e discussões acerca do cotidiano das mulheres nos assentamentos com significativa troca de saberes e de vivências.

No decorrer da investigação e "do compartilhar de interesses e afetos" (SILVA, 2005, p. 299), verificamos que nem sempre os conteúdos das lembranças foram multicoloridos para as mulheres. Os momentos de entrevistas se mostraram importantes, pois afloraram experiências que ao serem revividas foram experimentadas novamente com outros sentimentos (amor, medo, insegurança, desejo, dentre outros). As mulheres refizeram caminhos que certamente permitiram a reconstrução e o fortalecimento de suas identidades e níveis de empoderamento (DEERE; LEON, 2002) para adentrarem os campos decisórios no assentamento, decidirem os rumos do projeto familiar e ainda viverem com maior autonomia sua condição de *ser* e de *estar* no mundo.

No processo de empoderamento, outras perspectivas se revelaram, dentre

elas, o esforço cotidiano de muitas mulheres para serem valorizadas como trabalhadoras rurais, superando as condições de desigualdades. Assim sendo, sentimentos de alegria, conquistas e realizações de sonhos também existem.

São essas mulheres as protagonistas da presente história, aquelas que vivem entre o *passado* – marcado por andanças, expropriação e exclusão, o *presente*, no assentamento – envolvido por um campo de poder masculino, mas também por resistências e conquistas cotidianas e um *futuro* – que permitirá fortalecer esperanças e expectativas de uma vida melhor.

Trata-se então de memórias de mulheres assentadas, na perspectiva de desvelar os sentidos e os significados de viver nesses espaços de reforma agrária, no intento de fortalecer suas identidades no cotidiano e também no âmbito individual. São histórias em andamento que, longe de serem lineares, compõem o cenário de histórias concretas que se constroem e se refazem diante do movimento do real, entrecortadas por relações de expropriação e de dominação em três dimensões da vida nos assentamentos: a de classe, a de gênero, e a étnica/racial.

É importante ressaltar que não há uma perspectiva de sobreposição de uma categoria sobre a outra, mas sim uma opção de pensar a realidade como um envelhecimento conflituoso. O nó⁷ é utilizado também com o sentido de ambiguidade, embricamento e simbiose, permeado pela dominação e imposição de determinados interesses e projetos. Suas pontas são a visualização da especificidade de cada um, moldando o conflito e possibilitando o movimento interno.

O nó é a situação conflitiva. Sentido tomado de empréstimo da ideia de nó cunhada por Saffioti, ao estudar e procurar desvendar os três contextos da organização social: classe, gênero e etnia/raça, que permitem analisar os conflitos enraizados nas relações sociais tecidas no dia a dia, na ambiguidade das expectativas, na força da esperança de melhorar de vida, na experiência passada e que alimenta novas possibilidades de recriação do modo de vida, quando então mulheres tentam vencer as desilusões e os desencantos, as imposições e o poder masculino e do Estado.

A ideia de *nó* enquanto um recurso metodológico permite a compreensão dos conflitos de modo não hierarquizado, mas sim de maneira relacional,

⁷Tomamos de empréstimo, de Heleieth I. B. Saffioti, a ideia de nó, enquanto um recurso metodológico. Esta opção foi utilizada também na minha tese de doutorado (2002), conforme referência bibliográfica, e continua a orientar minhas reflexões.

caracterizando-se ainda pela positividade e negatividade dos conflitos que compõem uma realidade ambígua e dialética. Estes elementos são considerados como possibilidades de transformação e reconstrução da realidade social e dos projetos familiares.

Enfim, o *nó* apresenta uma dinâmica própria, com possibilidades de mobilidade interna de cada componente seu; ele é frouxo. É, sobretudo, movimento, percebido na leitura das entrelinhas dos discursos e práticas sociais, das quais emergem os conflitos, a ambiguidade da vida, feita de mudança e conservação, e a incompletude da vida-travessia nos assentamentos rurais. Os assentamentos, nesse sentido, são palcos que reúnem as emoções, as angústias, os sonhos e as expressões culturais, ou seja, a vida em todas as dimensões humanas, inclusive as conflitivas.

Algumas histórias de mulheres: lembranças enoveladas

Algumas mulheres expuseram lembranças enoveladas em um passado de sofrimento, quando carregavam latas de água na cabeça, por exemplo. Expressaram tristeza ao ressaltarem a lavagem de roupas nos riachos, a falta de comida e de uma moradia digna, entre muitas outras situações, o que levou à constatação de que muitos caminhos foram marcados por desilusões.

Em uma das pesquisas, encontramos Marinete⁸, ela rememorou com tristeza o tempo no qual a família vivia na condição de arrendatária – anos de 1974. Destacou as longas caminhadas carregando as latas de água na cabeça para utilizá-la em diversas necessidades da família e para os animais.

Buscava água para porco, lá é escadinha assim ó, para subir, para descer parece que ia entrar dentro do chão que a mina era lá embaixo né? E eu fui buscar água, estava chovendo, eu estava grávida da minha segunda menina, a hora que eu pisei na primeira escadinha, foi "vupi", fui parar lá em baixo. Entrevistadora: Escorregou?

Marinete: Escorreguei e fui cair sentada lá embaixo. Sujei tudo de barro. É (...) era uma lata que antigamente eu não buscava água em garrafa, nem garrafa, [Palavra incompreensível], ninguém sabia que existia naquele tempo, nem geladeiras ninguém sabia que tinha, nem um fogão a gás ninguém sabia que existia nada. (Marinete, assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005)

⁸Atualmente com 55 anos.

Marinete destacou que eram pessoas sem "parada", não fincavam raízes em lugar algum, iam de um lugar a outro, dependendo da vontade do proprietário da terra, que os expulsava quando não mais precisava da família – que, em geral, "formava" a fazenda, além do Brasil também no Paraguai. Este lugar, palco do sofrimento feminino, ratifica que "Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança [...]", como nos fala Pollak (1992, p.2). São lembranças que exprimem o sofrimento do corpo e da mente, corpo que fala por meio de um trabalho, o de "formar fazenda", e que não permitiu a esta mulher experienciar felicidade ou sentimentos mais positivos.

Em outro assentamento, Sul Bonito em Itaquiraí-MS, encontramos Erinete uma mulher aposentada por causa de problemas emocionais. Ela enfatizou a quantidade de remédios que precisa tomar, como também as dificuldades para adquiri-los diante dos altos custos, lembrou o tempo que buscava água em lugares longe e lavava roupas nos córregos distantes da casa, enfim, falou sobre as dificuldades de uma família que viveu muitos anos em condições de arrendatária.

No momento desta fala, Erinete demonstrou muito sofrimento e chorou. A pesquisadora se sentiu constrangida por não ter resposta para uma situação que somente esta senhora viveu, "são acontecimentos vividos pessoalmente" (POLLAK, 1992, p.2) que permeiam a memória individual relacionada a um passado vivo neste presente. Este fato corrobora a afirmação de que a memória é um fenômeno construído.

Neste momento, instalou-se um silêncio, a pesquisadora esperou com solidariedade que o choro cessasse, sabendo que fora um momento importante para o "trabalho da memória". (HALBWACHS, 1990)

Marinete e Erinete são mulheres com experiências comuns e suas memórias permitiram aflorar experiências que deixaram marcas profundas e podem até mesmo ter gerado as confusões emocionais que as incomodam. Segundo Pollak (1989; 1992), a memória possui várias características, uma delas é de ser seletiva. Neste contato com as duas mulheres, percebemos que elas teriam outros fatos a lamentar, mas fizeram uma seleção consciente e inconsciente diante de si mesmas, com a intenção de não sofrerem com as suas lembranças e, desse modo, ocultaram sentimentos e procuraram outros que amenizassem o que estavam sentindo naquele instante.

Encontramos também Maria⁹ (Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS, 2005),

⁹Não foi possível registrar sua idade.

outra mulher visitada pela pesquisadora para ser entrevistada e responder ao questionário. Ao chegar em sua casa, porém, diante de uma situação muito precária e de extrema pobreza, de imediato tal objetivo foi alterado, pois houve uma sensação de insegurança – o que faz parte do processo subjetivo da pesquisa – e uma percepção de que poderíamos alcançar melhores resultados se apenas permanecêssemos no local observando e conversando com esta senhora. Além disso, as perguntas também versam sobre a situação econômica da família, e já à primeira vista ficou perceptível que seria constrangedor lançar tais questionamentos.

Iniciamos uma conversa informal enquanto ela lavava suas roupas. Estava com o corpo molhado e continuou esta tarefa contando sobre suas dificuldades, de como estava infeliz naquele lugar que não era seu, era "emprestado", pois a família havia vendido o lote conquistado na trajetória de conquista da terra. Estávamos diante de outro corpo que fala pelo sofrimento, pelo trabalho indigno e não pelo sentido do prazer e da completude a partir da sexualidade ou de outros sentidos de prazer possíveis de serem efetivados.

Após estas palavras, Maria chorou de modo desesperado e dizia: "Olhe minha casa, não tenho nada, como vou receber meus filhos?". Demonstrava ainda vergonha e dizia que a pesquisadora não poderia adentrar seu lar, pois não era uma casa e sim um barraco. Era possível perceber que a casa não apresentava condições satisfatórias, na estrutura de madeira avistavam-se grandes frestas, parecia não suportar algum vento um pouco mais forte e, por coincidência, neste dia de pesquisa a natureza não colaborou, pois choveu muito cerca de algumas horas depois deste encontro.

A pesquisadora deixou que a mulher falasse sem interrupções. Dizer o quê? São estas situações que marcam também a memória de quem pesquisa. Trata-se de adversidades difíceis de analisar imediatamente e causam sentimentos variados tanto para quem vive a realidade quanto para quem estuda teoricamente as pessoas e a sociedade. Estes momentos ratificam que a pesquisa é um caminho objetivo e subjetivo construído diante da realidade dinâmica, conflituosa e multifacetada.

No íterim da pesquisa, o contato entre pesquisadora e mulheres pesquisadas se manteve muito próximo e revelou que, juntamente com o tempo que passou, muitos sonhos se esvaíram. As dificuldades enfrentadas por uma política de reforma agrária imprópria deixa em seus corpos e memórias as marcas das trajetórias incertas e inconclusas: mulheres envelhecidas pelo sol, pelo sofrimento, pela angústia ou pela doença.

No entanto, em todos os momentos de contato direto com essas mulheres, foi possível verificar que seus olhos se dirigiam a um devir, ao longe, como se um futuro melhor ainda estivesse ao alcance. Isso demonstra a vida-travessia como um recomeço constante em busca do que está por vir, do que pode ser efetivado, do que é sonhado e almejado.

Como relata Maria de Lourdes¹⁰ (Assentamento Guaçu, Itaquiraí-MS, 2007), a vida para a mulher neste novo lugar – o assentamento – é mais difícil e sofrida, notadamente ao referir-se ao seu bem-estar:

Pra mulher é mais difícil, assim (...) se toda fosse igual a eu (...) que gosta de andar bem arrumada (...) cheirosa (...) né (...) a gente não tem de onde tirar, não pode, se for tirar da roça (...) da alguma coisa (...) para comprar uma roupa boa (...) para comprar um calçado, para comprar um perfume (...) e a barriga, como é que fica? Não tem jeito (...) é difícil (...) não é só pra mim não (...) é para todas (...) [risos].

A pesquisadora pergunta: "Então a senhora é vaidosa?" e recebe a seguinte exclamação: "Ah! (...) eu gosto (...) iiiixi (...)". A pesquisadora continua: "Sempre foi?" e Maria de Lourdes diz, olhando distante, como se estivesse buscando a resposta no horizonte da roça na qual planta seus sonhos e nem sempre os vê florescer: "Toda a vida! Toda vida eu gostei de andar nos "trinquis", dançar, brincar, "farriar" (...) iiiii (...)".

Constatamos sentimentos ambíguos vividos por mulheres, elas nem sempre sabem se conquistar a terra era o principal sonho a povoar seu projeto de vida ou se seria mais uma tentativa de buscar uma vida mais digna frente à falta de perspectivas. Não sabem também, se as/os filhas/os irão permanecer na terra.

Outra entrevistada, Roseli foi perguntada sobre a permanência das filhas no assentamento obtivemos a seguinte resposta:

É. Tomara aquela do meio que nem a Patrícia eles já falam que ela quer ir para a cidade não quer ficar no sítio. Daí eu falei, "mas o que que você vai fazer na cidade se você não se criou na cidade, como é que você vai viver lá? Você não sabe como é que é, você não tem o ritmo da cidade", eu falo, "você é caipira". Ela, "mãe mais eu tinha uma vontade de ir na cidade viver".

¹⁰Atualmente com 60 anos.

Ela fala que tinha vontade de morar naquelas casas que põe janela lá em cima, que tem aquelas janelinha né? (Roseli, assentamento Corona, Ponta Porã-MS, 2005)

A mãe continua suas considerações sobre o desejo da filha em morar em apartamento:

É. E ela tinha uma vontade, esses dias eu fui para Ponta Porã e levei ela, porque eu não levo quando saio né? Eu deixo elas aqui para modo de não sai tudo e deixar né? [...] Daí eu aquele dia falei assim, "eu vou levar hoje ela" e deixei minha pequenininha para vizinha cuida. Daí levei, mas foi um sarro aquela menina lá. (Entrevistada sorri).

Entrevistadora: É.

Ela olhava para mim, "i mãe eu quero morar naquele negócio, lá naquela janelinha lá em cima lá", eu falava, "lá não mora gente", "ah eu quero mora lá naquela janelinha lá em cima". (Entrevistada sorri).

Entrevistadora sorri.

Ela fala, "quando nós casarmos nós vamos fazer assim, a Lidiane [sua irmã] mora aqui embaixo, eu moro em cima (...) mora lá em cima.". Eu falo, "é né"? (Entrevistada sorri). (Roseli, Corona, Ponta Porã-MS, 2005)

Concordamos que as respostas não são encontradas facilmente, mas se estruturam no meio da travessia, entre divergências de sonhos, de sentidos para a terra e desejos que se misturam entre as influências das cidades, cujas "qualidades" são destacadas como verdadeiras. O enaltecimento da vida nos centros urbanos chega por diversos meios, desde o contato entre campo e cidade não mais dicotômico até a mídia fazendo parte amplamente da vida de gerações nos assentamentos. Logo, as experiências são inconstantes, podendo ser mais ou menos positivas.

Outras experiências positivas podem ser relatadas, como a história de vida de Dona Teresinha (Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS), que participa de nossas pesquisas desde 1997. Esta mulher acessou financiamentos e estruturou uma fábrica de doce de leite. Está em condição econômica favorável e inclusive construiu uma nova casa com a ampliação do crédito habitação. Ela nos disse "que quer ser plantada neste chão e que já pode morrer porque está feliz". Atualmente, vende seus produtos em feiras e no comércio local, e já comercializa seus produtos em feira na cidade de Dourados.

Temos também outra senhora, Marina (Assentamento Sul Bonito, Itaquiraí-MS), é viúva e demonstra positividade no viver na terra e dela tirar sustento e satisfação. Também a conhecemos em 1997 e desde essa época acompanhamos sua trajetória, sempre de muita satisfação. É uma mulher alegre e rodeada de muitos/as netos/as. Marina salientou que produz satisfatoriamente e mantém em dia suas contas. Não se casou novamente, disse que "não quer encrenca na vida". Relatou ainda as dificuldades de ser uma "mulher sozinha" no assentamento, tendo sempre de resistir às insinuações e aos preconceitos, por desenvolver um "trabalho de homem".

Ao decidir ir para o acampamento, seu pai disse que "borboleta cria asas e voa", ela salientou que enfrentou o poder deste pai e as insinuações de que não alcançaria seus objetivos. Segundo ela, teve sentimentos de medo, mas não de derrota. No tempo do acampamento e ao chegar ao assentamento, a família se reestruturou. Conforme seu relato, sua filha foi fundamental, "trabalhava como homem", em suas palavras.

Esta mulher se libertou de pai e irmão controladores, pois eles não acreditavam na sua capacidade para enfrentar um acampamento e, atualmente, se fortaleceu como trabalhadora rural assentada, além de conquistar o reconhecimento social e econômico fora do âmbito familiar, no assentamento e na cidade de Itaquiraí.

Queremos falar também de Dona Apolônia, uma senhora atualmente com 66 anos, moradora do assentamento Lua Branca em Itaquiraí-MS. Ela, no ano de 2007, se mostrava feliz por ter conquistado a aposentadoria como trabalhadora rural, enfatizava que teria uma renda mensal e fixa, isso facilitaria a permanência na terra, já que ela e seu marido contavam com idade "avançada" para o trabalho na roça.

O sítio foi visitado por nós em companhia do casal que se orgulha pela conquista do sítio banhado por um riacho ao fundo, envolvido por uma mata cujo interior o homem produz erva-mate de modo artesanal. Ela também levou a equipe para conhecer as plantas que nascem às margens do riacho, além daquelas que ela mesma planta. Apontava cada árvore e explicava porque plantou, o que significa, dentre os argumentos, o principal estava na sombra que pode ser desfrutada e a aproximação de pássaros que por ela são alimentados. Fez questão de dizer que todo o mês adquire comida para os "seus passarinhos", livres a retribuírem seu canto à família. Esta senhora nos envolveu com muita positividade e alegria. Apolônia fez questão ainda que suas galinhas e porcos fossem fotografados, além da antiga casa que permanece

como uma lembrança de um tempo difícil, mas que "deu frutos"¹¹.

Assim sendo, registramos a história dessas mulheres, procuramos assimilar o passado e descrever o presente, compreendendo o significado de suas ações para si mesmas e para outras mulheres. Com isso, esperamos contribuir para que, no futuro, as mulheres retratadas em nossas reflexões e outras que trilharem o caminho do acesso à terra encontrem nesta história parâmetros para novos progressos. Os corpos "jazerão inertes", mas esperamos "[...] que os homens e as mulheres do futuro nos encontrem, nos afirmem e renovem nossos significados, e tornem nossa história inteligível em seu próprio tempo presente [...]" (PALMER, 1996, p. 226).

Enfim... a vida-travessia entre o ponto de partida e de chegada

Averiguamos então momentos nos quais as mulheres ressaltam as conquistas e outros em que relatam as dificuldades. Para muitas delas, embora a vida-travessia tenha sido difícil, persiste um discurso de esperança e um forte brilho no olhar, aliados a uma força braçal. A busca incessante por possibilidades de sobrevivência digna e com autonomia é uma característica das identidades, que se estruturam e se fortalecem mesmo diante de adversidades.

Diante de tais constatações, é possível considerar o sentido da vida-travessia das mulheres protagonistas da reforma agrária, por verificar que elas vivem uma intensa e contínua busca por reconhecimento e por espaços nos quais possam se *fazerem mulheres conscientes, autônomas enfim, livres*, se completarem e se autovalorizem – mesmo sem saber ao certo se há um ponto de chegada, ou qual é o verdadeiro ponto de partida, já que a vida é a constante procura de uma margem mais segura do rio, um lugar de sossego e de fartura (BORGES, 1997).

O ponto de partida pode ser considerado a decisão de lutar por terra ou de ingressar em um acampamento, contudo pode ser também um elemento formador da memória, um resquício do passado que motivou esta decisão,

¹¹Nos assentamentos visitados durante as pesquisas, percebemos que as antigas casas, geralmente de madeira e muito simples, não foram desfeitas e constantemente são mostradas, à equipe. As famílias, por meio de comparação entre a antiga e atual casa, demonstram as transformações conquistadas, a casa com certo conforto, é um desejo comum e muito enfatizado por mulheres e homens.

como uma lembrança de infância geradora de um desejo de volta a algum lugar, a algum modo de vida. Pode existir outro ponto de partida? Quando as mulheres e suas famílias chegam ao assentamento há um novo (re) começo, não tão novo por ser uma (re) construção de sentidos para a vida e para estar na terra.

E o ponto de chegada? Este está na outra margem do rio, mas não se sabe se mais abaixo ou mais acima de seu leito. Só se sabe que entre uma margem e a outra estão as águas de um rio; sua correnteza pode levar as mulheres para rumos inusitados, mais felizes, de maior liberdade, ou de maiores dificuldades, com angústias e tristezas que ocultam as possibilidades de mudanças e fortalecem a permanência de relações de gênero que cerceiam a liberdade e a autonomia dessas mulheres.

Muitas possibilidades fazem parte da vida-travessia, que é ponto de partida e de chegada ao mesmo tempo, com permanências e mudanças, com ocultamento da dominação, mas também com resistências constantes, silenciosas, diretas e explícitas das mulheres se fazendo mulheres autônomas em um processo de empoderamento e de fortalecimento de suas identidades no ir e vir das águas do rio.

Nos assentamentos, onde a vida-travessia se completa com uma incompletude, às vezes ainda maior, percebemos diversos momentos de valorosas reflexões pessoais que favoreceram a fala e a externalização das emoções das mulheres assentadas e permitiram a recriação dos momentos alegres e de sofrimento. Enfim, remetemos à condição atual de vida de cada uma delas e da própria pesquisadora, que aprende e se transforma constantemente nesse processo.

Estamos falando da travessia vivida por mulheres mediante conquistas e dificuldades, nela se fortalecem a todo o momento, pautadas em perspectivas de outras conquistas e de dias melhores, sem violência, sem fome, sem desigualdade entre feminino e masculino; um futuro com trabalho e renda digna para todas as pessoas.

Desse modo, as mulheres vivem entre as margens e nos fluxos do cotidiano, entre as conquistas históricas e o que está por vir. Seus desejos se deparam com obstáculos passados e presentes, como, por exemplo: a violência de gênero, a renda desigual entre mulheres e homens, os baixos índices de presença das mulheres nos espaços políticos, o não reconhecimento de seu trabalho na casa e na roça, as barreiras para viverem sua sexualidade. Esses obstáculos podem empurrá-las para uma

dependência econômica e emocional diante dos homens.

Conforme Teresa Joaquim (2006, p. 47), "Historicamente, ser mulher não foi travessia fácil, tantos véus, tantas máscaras para se integrar numa economia que recalca tanta coisa desse corpo, que necessariamente transbordava desses conceitos para conceber crianças/outros". A autora destaca a dificuldade de ser mulher, o que parece ainda existir com significativa intensidade em todos os campos sociais, por isso a ideia de uma travessia permanente entre o existente e o que está por vir. (JOAQUIM, 2006)

Ao falar sobre os "conceitos para conceber", Joaquim (2006, p. 47) se refere aos discursos totalitários que se instauraram no corpo feminino "[...] tornando-os erectos [...] e aqueles que, como as crianças e as mulheres, foram definidos como cálidos e húmidos [...]".

Nessa travessia, existem inúmeras representações do feminino, fortalecedoras e impulsionadoras de processo de transformação. Além dessas, também encontramos aquelas impeditivas da emancipação e de rupturas dos padrões de comportamento e de vivência da sexualidade impostos às mulheres, ou seja, existem aquelas representações que dificultam o fortalecimento da capacidade de controlar seu próprio corpo e o tempo de experienciar este corpo.

Desse modo, a história da vida dessas mulheres se escreve e reescreve nesta travessia, nas relações sociais abertas e tecidas nos assentamentos, espaços sociais onde parece que nada se completa, tudo se refaz, em um movimento de descontinuidade, ou, talvez, com uma continuidade muito maior. A ambiguidade se faz presente nos sonhos das mulheres e nas estratégias familiares, nas quais o novo nem sempre é engendrado, e o antigo imerge e emerge ao longo da passagem de uma margem a outra do rio.

Portanto, não há precisão do ponto de partida e nem do ponto de chegada, o caminho se faz na travessia. Nos acampamentos encontramos o seu prelúdio, o recomeço do longo percurso vivido, sem rumo definido ou seguro, que, nos assentamentos, continua a envolver as famílias nas tentativas constantes de permanência na terra; às vezes com sucesso, mas também com fracassos, desistências e desilusões. Um percurso que confirma: a vida é difícil de ser vivida, especialmente para as mulheres, em um movimento de criar e recriar estratégias de resistências e de fortalecimento de suas identidades.

Referências

BORGES, Maria Stela Lemos. **Terra: ponto de partida, ponto de chegada**: identidade e luta pela terra. São Paulo: Editora Anita, 1997

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.) **A Miséria do Mundo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DEERE, C.D.; LEON, M. **O empoderamento da mulher**: direito à terra e direitos à propriedade na América Latina. Tradução: Letícia Vasconcelos Abreu, Paulo Azambuja Rossato Antinolf, Sônia Terezinha Gehring. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

JOAQUIM, Tereza. **As causas das mulheres**: a comunidade infigurável. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte LDA, 2006.

PALMER, E. **Thompson**: objeções e oposições. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

POLLAK, Michell. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992

SILVA, Maria Aparecida Moraes. Das mãos à memória. In: MARTINS, J.S.; ECKERT, C.; NOVAES, S.C. N. (Org.) **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005.

SIMPÓSIO: Feminismo, Ação Política e Agroecologia, realizado em Recife de 12 a 14 de novembro de 2010

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

WHITAKER, Dulce C. *et. al.* A transcrição da fala do homem do campo: fidelidade ou caricatura. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.3, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. F.C.L. UNESP, 1995.